

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA: O PROFESSOR ESTÁ PREPARADO PARA ISSO?

LINGUISTIC PRECONCEPTION IN THE CLASSROOM: IS THE TEACHER PREPARED FOR THIS?

Luciene dos Santos Andrade 1
Kathia Maria Barros Leite 2

Resumo: O trabalho tem por objetivo trazer à reflexão do quanto o próprio docente está despreparado para as variações linguísticas com as quais irá trabalhar em sua sala de aula, ver como o professor se comporta diante de algumas situações preconceituosas que, ele também, mesmo sem perceber os comete, do quanto é preciso um estágio maior e em situações e ambientes variados para a preparação de professores de várias formas, em várias realidades para humanizar a questão das diferenças linguísticas, despolitizar fazendo entender que é preciso respeitarem a forma comunicativa de cada um, utilizar as variantes para modificar as didáticas de ensino, e poder colaborar de alguma forma para o trabalho docente consciente das infinitudes linguísticas no nosso país, quiçá, no mundo, com a globalização através das novas tecnologias da informação e comunicação. Durante a pesquisa bibliográfica que contou com literaturas como as de Marcos Bagno, LDB, entre outros. Uma temporada em uma determinada escola da zona rural, como também um questionário aplicado a alguns docentes com o intuito de somar o que foi visto com opiniões de colegas que atuam ou que atuaram na mesma escola na qual foram feitas as observações sobre o assunto colaboraram para a constatação dessa tese.
Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Preparação Docente. Respeito Sociolinguístico.

Abstract: The paper has as goals the reflection of how much the teachers are unprepared to the linguistics variations which they will work in their classrooms; to observe how the teachers behave when facing some prejudiced situations that they, without realizing it, also perpetrate; to show how much a longer internship in different situations and environments is important to the teachers in many ways, in several realities to humanize the issue of linguistic differences; to depoliticize by making understand that is necessary to respect the communicative form of each person; to utilize the variations to modify teaching techniques and somehow collaborate to the work of the teachers who are aware of the infinitude linguistics in our country, maybe, in the world, with the globalization through new technologies of information and communication. The bibliographic research had Magno Bagno's books, the Law of Basic Guidelines, among others as source. A season spent teaching in a school on the countryside, as also a questionnaire applied to some teachers that work or have worked in the same school with the objective of adding some points of view on the subject contributed to the corroboration of present thesis.
Keywords: Linguistic Prejudice. Teaching Preparation. Sociolinguistic Respect.

Graduação em Letras - Português. Instituto Federal de Alagoas - 1
Matriz, IFAL.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0476156124710611>.
E-mail: lu-santosandrade@hotmail.com

Mestrado em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas, 2
UFAL.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6411722188707901>.
E-mail: lu-santosandrade@hotmail.com

Introdução

Este trabalho quer chamar a atenção para a necessidade de uma formação pedagógica que prepare o docente para a variação existente em sua sala de aula, que o leve a entender que a comunicação é válida, que apenas é necessário nortear o seu aluno para a importância de aprender a unificação da nossa língua, numa gramática que nem todos conseguem, ou têm acesso por motivos inúmeros, todavia, claro que existem situações e situações onde somente essa é exigida, tendo em conta, respeitando e valorizando suas raízes, seu meio, e também dos que lhe rodeiam, sendo a palavra culta o que define um indivíduo que usa sua língua com consciência e sabedoria em suas várias possibilidades ou necessidades.

Dentro da sala de aula existe algo inerente ao ser humano, algo que existe desde sempre, e existirá enquanto houver comunicação entre os homens, a variação linguística, uma língua que é viva, que evolui, que se modifica por se tratar de algo vivo através de cada um de nós. Essa é diacrônica e assíncrona em sua essência, dependendo de fatores diversos e que fazem parte da vida que existe na língua. Como já dito a língua é viva e está condicionada a mudar de acordo com as mudanças que decorrem dos falantes.

Essa mudança depende de fatores diversos que vão desde geográficos, econômicos, culturais, etc., mostrando por si só que embora muitas vezes ou em seu maior uso, principalmente em nosso país ela difira, segue padrões próprios de onde é usada, não diminuindo é claro o valor de um padrão que a unifica, mas, enriquecendo-a com todas as variações que apresenta em tantas formas apresentadas, muitas vezes em espaços próximos e de usuários distintos pelo seu uso.

Como todo acontecimento, qualquer uso da língua se individualiza por idiosincrasias do locutor e/ou de seu interlocutor, da situação em que se encontram, da cultura da qual participam, da época em que vivem. E assim, cada uso da língua envolve um conteúdo e uma forma próprios, produzindo efeitos de forma e de sentido (como os efeitos estilísticos, por exemplo) que, mesmo particulares, podem afetar a própria língua. Assim como o uso do cachimbo deixa a boca torta, segundo o ditado popular, os usos da língua agem sobre ela:

- 1) criam formas de expressão novas para novas situações;
- 2) ativam possibilidades nunca antes exploradas e até então consideradas agramaticais – como o “imexível” do ex ministro Magri ou as criações de Guimarães Rosa e de outros escritores;
- 3) dão a certas expressões o estatuto de modelos, criando fórmulas prontas, expressões idiomáticas, clichês;
- 4) elegem, entre um certo número de realizações possíveis, uma que, mesmo não sendo exclusiva, será preferencial (como dizer “João e Maria”, evitando “Maria e João”); e assim por diante (BAGNO, 2012, p. 13).

O uso da linguagem é algo que deve ser respeitado e compreendido em suas diferenças por qualquer pessoa, e pelo professor não deve ser diferente, deixando claro que frisamos aqueles que ainda, mesmo que tenham esse conhecimento das diferenças, não se habituaram a elas, resistem em aceitar essa diversidade, que o preconceito e valorização de um padrão que apenas é usado para taxar como errada essa ou aquela forma de falar é algo que não cabe mais em um país de “diversas línguas portuguesas” como o Brasil. É preciso derrubarmos mitos como,

“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, “Brasileiro não sabe português”, “Só em

Portugal se fala bem português”, “Português é muito difícil”, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, “O certo é falar assim porque se escreve assim”, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” (BAGNO, 2012, p.13).

Discute bem, Bagno, como é perceptível e podemos comprovar a partir de alguns discursos realizados nesta pesquisa, na fala de muitos professores até, que está arraigado no povo brasileiro essa noção equivocada do uso da língua, levando até mesmo a professores empregarem, aceitarem e até mesmo usarem de forma preconceituosa esses mitos, fortalecendo o que vem desde a colonização, o preconceito que fortalece uma pequena parte do povo, uma parte elitista que através de um poder aquisitivo maior consegue ter um ensino de melhor qualidade, no qual o ensino da gramática é dado de forma eficiente e eficaz com o intuito (embutido) de fortalecer o preconceito, de privilegiar uma pequena parte em vezes já privilegiada e confirmar o que é de interesse político pode-se dizer assim.

O uso da gramática para fortalecer os preconceitos linguísticos mostrados na citação acima com certeza nos leva a pensar num instrumento usado para ascensão social e uso dos dispositivos gramaticais para manobrar um povo que não teve condições e acesso a tão eficiente educação que o fizesse dominar a unificação da sua língua, se tornando pela falta do letramento massa de manobra para poucos (não generalizando), que detêm o poder do conhecimento em nosso país.

Desenvolvimento

Essa pequena parte da sociedade, onde pouquíssimos dos menos favorecidos conseguem estar, beneficiada com os preconceitos plantados por todos e principalmente pelo próprio professor ao dizer que o seu aluno fala errado, ou que não chegará a lugar nenhum por não saber falar direito ou escrever mal, se privilegia, pois, essa pequena classe que desde os colonizadores portugueses tem sido beneficiada por uma gramática normativa doutrinária e originária de um modelo surgido na Grécia por volta do século II a.C. tendo sua consolidação pelos romanos e sendo replicada pelos ocidentais, com a falsa afirmação de que para “saber o Português tem que dominar a norma culta” se sobressai, se destaca por regras impostas por gramáticos e políticos, deixando todos os outros falantes do português brasileiro para trás.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (BAGNO, Marcos. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: o que é, como se faz. Edições Loyola, Rua 1822, nº 347 — Ipiranga, CEP: 04216-000, São Paulo-SP, Caixa Postal 42.335 — 04218-970 — São Paulo-SP. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999, p. 16).

Toda essa injustiça social onde além de tantas outras o brasileiro ainda tem que se sentir

não falante da sua própria língua vem de longe, desprestigiando aqueles que têm sua própria forma de se comunicar, desfazendo de falantes eficientes apenas por julgar que existe uma só forma correta de falar e escrever. Não se levam em conta as tantas causas que fazem ou fizeram surgir línguas não padrão no meio de um povo que em sua essência tem uma mistura de raças carregando em si heranças dos que estão em seu DNA, o distanciamento territorial que faz perder o contanto com um único jeito de comunicar-se, porque não dizer os grupos profissionais específicos, entre tantos outros fatores que podem causar distintas diversidades lingüísticas. Porém tudo isso seria para ser mais explorado em um outro momento tendo em vista que, o nosso foco nesse momento é o profissional de educação e aqueles aos quais ele está formando.

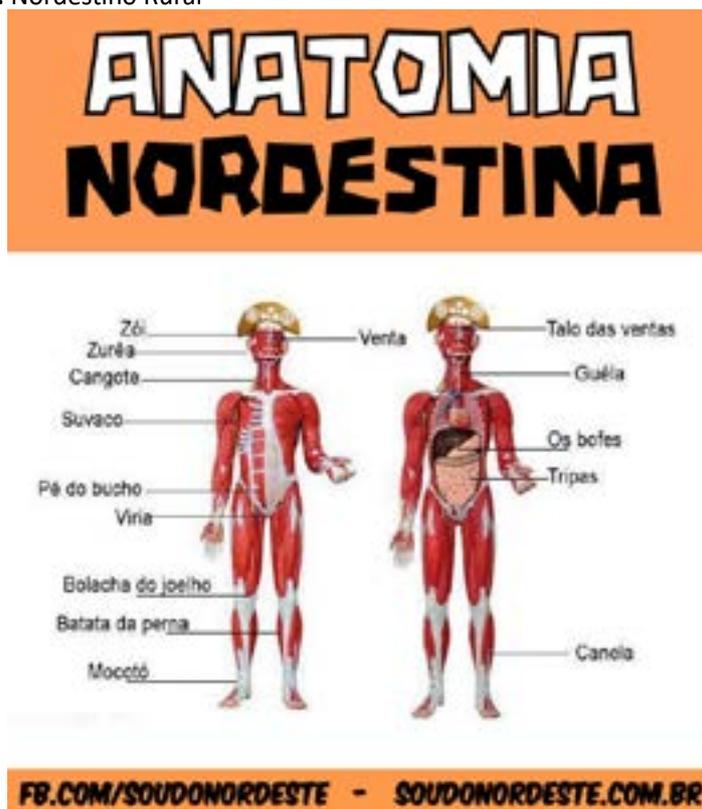
Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas. § 1o A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural. § 2o A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. § 3o O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas (LDB, Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Secretaria de Editoração e Publicações, Coordenação de Edições Técnicas. Edição atualizada até março de 2017, p. 25).

Interessante perceber que a LDB, lei que dirige a base comum curricular da educação, cita e respeita “linguagens” e suas tecnologias, ou seja, suas várias formas de manifestação, diz que o sistema de ensino deve estar harmonizado com a LDB e ser articulado a partir do contexto, em suas várias faces, todavia, o que vemos na lei não é o que se pratica nem pelos que a criaram, pois, entende-se que isso é falado em definição e objetivo de várias disciplinas e suas linguagens e tecnologias, mas quando chegamos à sala de aula nos deparamos com o preconceito embutido no subconsciente de profissionais que deveriam ser os primeiros a entender que materna é a língua onde o ser humano nasce em meio a ela, aprendendo a comunicar-se independente de tradições impostas por pessoas que na verdade faz uso de uma única forma para diminuir o valor da riqueza e da diversidade lingüística existente no país.

Ainda mais notório esse desrespeito quando a lei dá direito apenas às comunidades indígenas no ensino de Língua Portuguesa e Matemática o uso de suas respectivas línguas maternas, sendo assim, ela admite haver mais de uma linguagem no nosso Brasil e dá o direito aos primeiros moradores da terra, porém, subjuga todos os outros moradores, fazendo aceitar que só a forma criada e imposta por alguns é a correta e suprema para a comunicação. Entende-se de certa forma que existem regras que se olharmos bem de perto veremos que não funcionam e que são usadas apenas para manter cativo um povo carente de conhecimento. Um povo que é usado como massa de manobra por não ter tido acesso a uma educação de qualidade e igualitária que os torne em igual com os poucos que tiveram esse privilégio também merecido por ele, todavia, a desigualdade social o negou.

Vejamos a figura abaixo:

Figura 1. Nordeste Rural



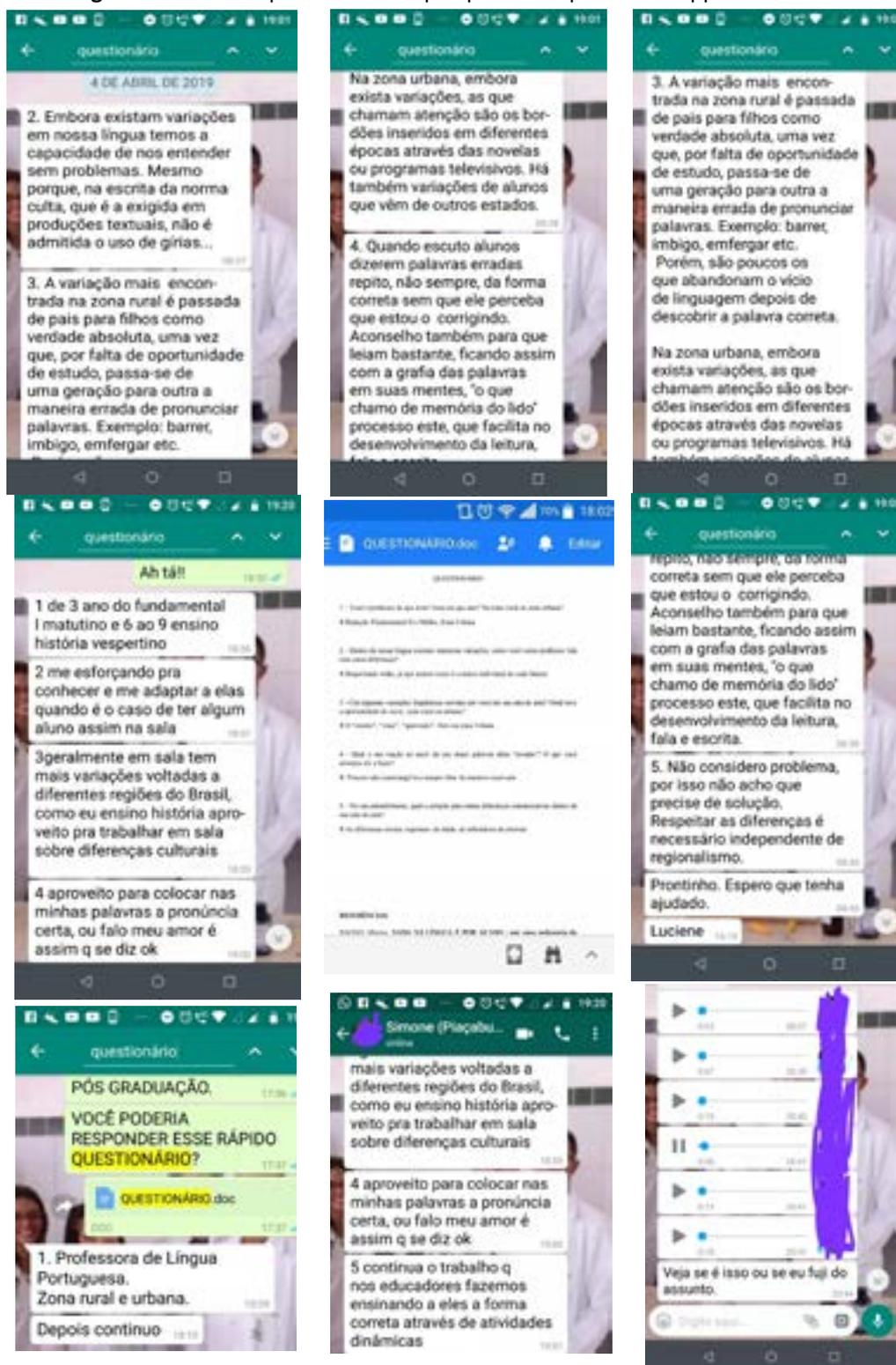
Fonte: Disponível em: <http://soudonordeste.com.br/anatomia-nordestina/>. Acesso em: 10. Jan. 2020.

A figura acima nos mostra de certa forma, embora seja totalmente ilustrativa, quão rico pode e é o falar de um povo, nesse exemplo específico, o nordestino. Com seu falar cheio de sotaque único e inconfundível, de palavras que se diferem até dentro de seu próprio território regional, onde “jájá” pode significar em uma cidade, o suco congelado dentro de uma sacola plástica pequena para ser chupado como picolé, e em outra na mesma região do nordeste ser chamado de “geladinho ou frau”, dinamizando a linguagem de um povo. Claro que temos que esclarecer que tanto na ilustração como no exemplo citados, isso é apenas uma minúscula parte da tamanha riqueza linguística existente não só nessa região citada como exemplo apenas, mas em toda a extensão desse riquíssimo país.

Claro que entendemos que é apenas uma analogia feita ao povo nordestino, mas que em outros tempos era bem usado em sua maior parte, principalmente na parte mais seca onde está concentrado um povo mais sofrido, todavia, com o aumento de alcance da educação e toda a globalização existente e por ser algo mutável por fatores externos, como também internos já está quase extinta essa forma, porém o que será observado não é o uso atual e sim, se essa forma comunica alguma coisa [...] e chegamos a fácil conclusão que sim, comunica com certeza, porque todos os que nasciam ou nascem onde essas expressões eram ou são usadas, convivem entendendo e se fazendo entender, sendo assim, existe comunicação, existe o uso da língua.

Abaixo mais um exemplo,

Figura 2. Prints do questionário de pesquisa feito pelo whatsapp



Fonte: <https://web.whatsapp.com/>

Essas imagens mostram uma breve pesquisa feita com alguns colegas, a partir de um pequeno questionário, a ideia surgiu após presenciar por vezes em que esperávamos o carro para voltar ao lar, depois de um dia de trabalho numa escola da zona rural de Penedo-AL, ouvir os colegas comentando e rindo da forma de falar de seus alunos, repetindo as palavras e fazendo piada quanto a sotaque e palavras classificadas por eles “erradas”.

Apenas alguns foram escolhidos para estar neste trabalho, mas, é o suficiente para sa-

liantar a coerência desta tese, pois, podemos perceber na fala dos professores, ora dizem que não vêem problema na variação, ora dizem corrigir a fala “errada” dos alunos de forma que não percebam ou até mesmo de forma direta.

O professor um diz que embora exista a variação a comunicação acontece sem problemas e que a escrita através da norma culta não deixa que não haja a compreensão no que é exigido, e em seguida afirma que a forma errada é passada de pai para filho como verdade absoluta.

O professor dois diz que havendo alunos assim, com variações regionais principalmente, aproveita ara trabalhar as diferenças regionais e na oportunidade aproveita para mostrar a “palavra correta”.

Alguns responderam por áudio e as semelhanças nas respostas firmaram ainda mais a visão da necessidade de uma formação profissional mais voltada para o humanitário, na extensão indo de um contexto social ao conhecimento de regras e não o contrário. O professor deve ser sempre o primeiro a entender as nuances lingüísticas, pois, é ele o elo que fará a diferença entre fazer seu aluno se sentir um completo estrangeiro em sua própria língua, ou um capaz detentor do conhecimento e capacidade de usar com coerência as infinitas possibilidades que ela lhe trás.

Então nós como professores não podemos ignorar que as variações também são linguagens do nosso país, são formas de comunicação usadas por um povo de uma cultura rica, porém, desvalorizada por falar diferente, trazendo consigo uma riqueza no falar ridicularizado pelo seu próprio país, pela sua própria gente.

Há de se entender que quando alguns professores, ou o próprio fundamento que rege a educação impõe uma língua dando-a como correta a um povo que já tem sua própria linguagem, estamos nos fazendo preconceituosos, o que é inadmissível para pessoas ditas letradas, graduadas e preparadas para o ensino de língua.

A ilustração apenas foi usada nesse caso para nos lembrar do quanto o povo brasileiro, donos de uma tão rica língua/linguagem sofre no uso daquilo que lhe pertence por natureza, trazendo justamente o nordestino como exemplo, já que este mais é quem sofre preconceito, muitas vezes por seus próprios conterrâneos, como também por moradores de outros estados, mesmo que esses também tenham seu próprio linguajar.

A escola observada

A escola na qual por alguns meses foi feita a observação é da zona rural, do município de Penedo-AL, é uma escola com um bom espaço, com nove salas, três banheiros, uma sala para os professores, biblioteca da escola, bem resumida, uma sala onde são guardados os instrumentos e brinquedos para uso pedagógico, uma cozinha e uma secretaria, até esse espaço de tempo, infelizmente como a maioria das escolas públicas a estrutura deteriorada pelo tempo, há pouco sofreu uma reforma que melhorou bastante sua estrutura, acrescentando mais banheiros, inclusive para os professores, onde na ocasião não havia, além de outros espaços convenientes aos alunos e sua aprendizagem.

Seus alunos, em sua grande maioria, vinham e vêm de vários povoados vizinhos e alguns viajam quase uma hora para estar ali em busca de conhecimento e buscando um futuro diferente e mais ameno que o de seus pais. Garotos e garotas em sua maior parte acostumados à vida dura da roça e de uma cultura agrícola e viagens para os povoados em busca de vender seus produtos e assim ganhar o sustento da família na ajuda aos seus pais.

Os professores todos iam da zona urbana para dar aula naquela escola da zona rural, todos graduados em suas áreas distintas, tidos como pessoas estudadas, cultas, preparadas por ter um maior conhecimento para atuar em suas respectivas salas de aula.

Aulas eram dadas em dois turnos, matutino e vespertino, alunos da educação infantil a fundamental II, como também uma turma de alunos especiais.

Nessa escola alguns professores foram observados e foi constatado o preconceito lingüístico por parte tanto de alunos como de professores onde ao sair da escola, no local de espera do ônibus para voltar pra casa comentavam e repetiam palavras proferidas pelos alu-

nos rindo e dizendo serem erradas, onde nesses momentos foram observados os tantos tipos de preconceitos lingüísticos arraigados em profissionais que deveriam ser livres da ignorância chamada “preconceito”, pois, no convívio diário esse alunado já é taxado de não serem detentores de uma linguagem, escrita ou comunicação correta, pois, seja através de graduados ou pelo meio de comunicação mais usado no dia a dia pela maioria dos brasileiros, a saber, a televisão, que através de suas produções quer imputar em nós brasileiros a certeza de que não falamos correto, com a criação de novelas ou outros programas que mostram principalmente os nordestinos com uma linguagem inexistente torna esse provo principalmente objeto de escárnio e zombaria pelos que os criam, encenam ou assistem ouvindo palavras em um sotaque que não existe em parte alguma do nordeste.

Claro que o que foi citado é apenas um exemplo de um dos inúmeros preconceitos vividos por esses cidadãos em formação, pois:

“De tanto ouvir definições e conceitos abstrusos, classificações e subclassificações; de tanto enfrentar análises herméticas; de tanto ser obrigado a decorar o que não consegue compreender e talvez nunca venha a aplicar – o aluno vai sendo arruinado linguisticamente. Convence-se de que a sua própria língua é coisa esotérica, só acessível a iniciados, professores de Português, gramáticos, lingüistas. Surge o conceito: a nossa língua é a mais difícil do mundo, jamais a aprenderemos bem; a língua está em decadência; os jovens não sabem falar; etc; etc. O purismo gramatical da escola certifica o aluno de uma verdade chocante: todos falam errado!” (LUFT, 2007, p. 91).

Vemos, dessa forma, que esse tipo de preconceito já se inicia desde os primeiros anos escolares, tendo sido confirmado por fatos e questionários, onde aqueles que foram formados para formar enraízam em seus discentes a ideia de que falam errado construindo nesses o medo e a insegurança ao pensar que só seus professores, pessoas de destaque ou artistas sabem usar a língua do país onde nasceram, desconsiderando a linguagem habitual de todo o contexto que os rodeia.

Discussões e resultados

Vemos, através de alguns questionários (só dos que concordaram) anexos, a essa tese que o professor, principalmente o de Língua Portuguesa ainda se prende muito ao certo e errado, trabalhando por imposição tornando sua aula “enfadonha” para uma geração que além de um contexto regional, familiar, cultural e econômico, entre outros, também tem em si fortemente enraizado o internetês, nova herança de quem já nasce dentro da tecnologia comunicativa e aprende essa linguagem antes mesmo de ir para a escola aprender o alfabeto convencional.

Se esses docentes, riem de palavras proferidas “erradas, tentam concertar, mesmo afirmando que não veem como problema o linguajar regional, como então vão lidar com palavras abreviadas, figuras que falam frases por si só e que muitas vezes por se misturarem com a realidade, já que para eles é a linguagem da comunicação, é real em seu contexto de convívio familiar e de amizade, escrevem em seus textos, provas e qualquer outro tipo avaliativo essa forma de comunicar-se?

Vejamos:

Figura 3. Exemplos de linguagens usadas nas redes sociais



Flw – falou, blza – beleza, kdê – cadê

Outros: vc – você, blz – beleza, naum – não, cmg – comigo, neh – não é ou né, kd – cadê, etc.

Fonte: O INTERNETÊS E A ORTOGRAFIA.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/o-internetes-ortografia.htm>. Acesso em: 21. nov. 2019.

Pode-se ver que o nosso docente ainda tem um vasto caminho à frente, pois, não entendeu que o que deve ser revisto aí é a forma com que se usa o que chega a sala de aula, despreza-se a linguagem internada no aluno, e ao invés de usar em seu favor, mostrando o caminho de uso, o porquê deve-se aprender a formalidade, ele cria de forma exarcebada o terror dentro dele, tendo em vista que de certa forma sua linguagem é desvalorizada fortalecendo o poder de uma minoria, tirando muitas vezes a coragem de expressão desse alunado.

Pois a língua, assim como o conhecimento, não é estática, ela se transforma conforme a prática dos falantes, e algumas regras presentes nas gramáticas são deixadas de lado para que haja comunicação eficiente. Um exemplo disso é citado no livro Ensino e Aprendizado da Língua Materna, onde o autor afirma “Falado, vi-o confunde-se com viu. Da mesma forma Eu o vi: o vi, pronunciado confunde-se com ouvi”. No falado acabamos substituindo por vi ele e no culto resolve-se por vi a ele etc (SANTOS, Simone Kniphoff dos. CELSO PEDRO LUFT, MUITO MAIS QUE UM GRAMÁTICO, P. 3).

Não é de agora, ou um ou outro, que já concluiu a necessidade de uma mudança de comportamento e de pensamento por conta do profissional da educação quanto às variantes da linguagem, havendo uma notória urgência de enxergarmos a forma com que vemos as variações existentes em sala, uma vez que nem o próprio professor usa a forma padrão em todos os momentos, cem por cento do seu tempo, cometendo como ele mesmo taxa “erros” não só na pronúncia como na escrita, tendo em vista que somos seres em construção, aprendendo dia após dia, adaptando-se, abrindo exceções, encaixando para um convívio em harmonia com o texto e o contexto. Temos em vista que,

A linguagem se adapta para que haja uma boa comunicação, já que é um instrumento vivo, mas que existe para o nosso uso e não nós existimos para ela. Como o autor já defendia em seu livro Ensino e Aprendizagem da Língua Materna (2007), “A língua é que deve constantemente readaptar-se à vida. Por isso ela é um sistema aberto, dinâmico e flexível” (SANTOS, Simone Kniphoff dos. CELSO PEDRO LUFT, MUITO MAIS QUE UM GRAMÁTICO, P. 3).

Acontecendo, assim, não há motivo para o professor querer idealizar algo que nunca acontecerá, que só está na mente daqueles que se apropriam dessa verdade para diminuir a capacidade de uma grande massa. Temos que entender e aceitar que o ensino é para dar coe-

rência ao uso da língua/linguagem e não para tirar o sentido que já existe.

Quando um dos professores que respondeu ao questionário diz: Trabalho de forma natural, usando os exemplos do modo dos alunos falarem para dentro da sala de aula, fazendo comparação, não como correção, mas como sua linguagem aceita e entendidas por eles, porém deixando bem claro a maneira correta de falar. Esse correta significa exatamente o nosso preconceito lingüístico, que nem a nossa graduação conseguiu arrancar de nós.

Quando ele diz: Rir muito, pelo jeito deles falarem, mas aprendi a aceita, respeita e entendi que o jeito dos alunos falarem é por causa da cultura da localidade e também pela quantidade de pessoas analfabetas, pois contribui para a maneira errada de falar. Nessa resposta ele diz ter rido muito, isso com certeza mostra a falta de respeito existente pela linguagem do outro, o que acarreta em construção de seres inseguros, certos de que nem falar sua própria língua eles sabem.

Como o ensino tradicional põe a ênfase justamente nessas regras não pertinentes da linguagem culta escrita formal (hiperformal), é natural que fique a impressão de que os alunos – na verdade todas as pessoas, professores incluídos [...] – não dominam a gramática da sua língua (LUFT, 2007, p. 69).

Conclusões

Dessa forma, ficou evidente que todo o conhecimento adquirido na graduação seja ela qual for não substitui a um verdadeiro convívio onde se busque conscientizar o professor, sim, conscientizar, essa é a palavra para a realidade que sempre existiu e que em todo e qualquer tempo tentamos mudar sem sucesso, porque sempre existirá, a variedade lingüística, que pode e deve ser usado a nosso favor, começando pelas tantas tecnologias da comunicação e informação da qual eles já chegam com um vasto acervo de formas de usá-las seja para uso comunicativo ou mesmo para brincar e indo até suas raízes, onde seu contexto deve e pode ser respeitado.

Acreditamos que se o professor fosse formado com um intuito maior de usar seus conhecimentos para uma melhor educação ele começaria por aí, por uma maior aproximação dele desde sua graduação, com a orientação de valorizar e fazer uso do que tem para fazer seu aluno se apaixonar ao invés de repudiar sua própria língua, unindo o que é dele ao que é formal, norteando-o para o uso coerente de cada uma delas, fazendo ele se apaixonar por um algo a mais e não anulando o que ele sempre teve em seu contexto e que faz parte dele.

Constatamos, infelizmente e finalmente, que devíamos por em ação o que vemos tão bem postos em livros, assim como na *LDB*, o direito de comunicação de cada pessoa em sua forma, pois, o importante é entender e se fazer entender, não desvalorizando o formal, mas, colocando cada um em seu ambiente propício e necessário, sendo cidadãos letrados em uso de sua língua/linguagem, valorizando a riqueza existente nesse país tão rico e diverso que é o nosso Brasil. Se até os gramáticos se renderam a essa verdade, por que insistimos num erro que só atrasa o avanço dos nossos alunos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso - por uma pedagogia da variação lingüística**. Esta obra foi composta em vectora 11/15,5 e impressa pela Gráfica Santuário em offset 90g. Para a Parábola Editorial em setembro de 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, Rua 1822 nº 347 — Ipiranga 04216-000 São Paulo, SP. Caixa Postal 42.335 — 04218-970 — São Paulo, SP.

LDB, Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Secretaria de Editoração e Publicações, Coordenação de Edições Técnicas. Edição atualizada até março de 2017.

O INTERNETÊS E A ORTOGRAFIA. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/o-internetes-ortografia.htm>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SANTOS, Simone Kniphoff dos. **Celso Pedro Luft, muito mais que um gramático**. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/XIISemanaDeLetras/arquivos/simonekniphoff.pdf>. Acesso em: 19. nov. 2019.

SOCIOLINGUÍSTICA OU SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM. Disponível em: <http://talvezalgumdia15.blogspot.com/2015/07/sociolinguistica-ou-sociologia-da.html>. Acesso em: 22. dez. 2018.

Recebido em 29 de outubro de 2020
Aceito em 19 de março de 2021